John Steinbeck

VIAGENS COM O CHARLEY

LIVROS DO BRASIL
DOIS MUNDOS

VIAGENS COM O *CHARLEY*

John Steinbeck e o seu cão *Charley* junto ao lago de Sag Harbor, por volta de 1962.

John Steinbeck

VIAGENS COM O *CHARLEY*

tradução de
Sousa Victorino

LIVROS DO BRASIL

Viagens com o *Charley*
John Steinbeck

Publicado em Portugal por
Livros do Brasil (www.livrosdobrasil.pt)

Título original: *Travels with Charley*

© The Curtis Publishing Co., Inc., 1961, 1962
© John Steinbeck, 1962
© Porto Editora, 2016

Capa: Silvadesigners
Fotografia do autor: © Camera Press/Atlantico Press
Fotografia da página 5: © GettyImages

1.ª edição na Livros do Brasil/Porto Editora: junho de 2016

Livros do Brasil é uma chancela da Porto Editora
Email: editora@livrosdobrasil.pt

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.**portoeditora**.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 409237/16
ISBN 978-972-38-2957-0

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**

SEJA ORIGINAL!
DIGA NÃO À CÓPIA
RESPEITE OS DIREITOS DE AUTOR

A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Este livro é dedicado a Harold Guinzburg, com respeito nascido de uma relação e um afeto que não fizeram mais que crescer.

John Steinbeck

PRIMEIRA PARTE

Quando eu era muito novo e sentia em mim o impulso irreprimível de estar em qualquer outro sítio, foi-me assegurado por pessoas de idade madura que a maturidade curaria este desejo ardente. Quando os anos me indicavam como amadurecido, o remédio prescrito foi a meia-idade. Na meia-idade, asseguraram-me que uns anos mais acalmariam a minha febre, e agora, que tenho cinquenta e oito, talvez a senilidade o consiga. Nada surtiu efeito. Quatro sopros roufenhos do apito de um navio ainda arrepiam o cabelo da minha nuca e põem os meus pés a sapatear. O som de um avião a jato, de um motor a aquecer, até o bater de cascos ferrados no pavimento provocam o antigo arrepio, a boca seca e o olhar vago, o calor das palmas das mãos e a agitação violenta do estômago, aos pulos sob a caixa torácica. Por outras palavras, não melhoro, ou, indo mais longe, quem foi vadio é sempre vadio. Receio que a doença seja incurável. Menciono este assunto, não para ensinar aos outros, mas para me informar a mim mesmo.

Quando o vírus do desassossego começa a apossar-se de um homem caprichoso, e a estrada que se afasta de aqui parece larga, direita e amena, a vítima tem de encontrar primeiro em si mesma uma razão boa e suficiente para partir. Isto não é difícil para o vagabundo experimentado. Tem um viveiro pré-fabricado de razões por onde escolher. A seguir tem de planear a sua viagem quanto ao tempo e quanto ao espaço, escolher uma direção e um destino. E finalmente tem de apetrechar-se para a jornada. Como ir, que levar, quanto tempo demorar. Esta parte do processo é invariável e indefetível. Apenas a menciono para que os recém-chegados à vagabundagem, como os jovens de menos de vinte anos em pecado recém-urdido, não pensem que a inventaram.

Uma vez uma jornada esboçada, equipada e posta em prática, entra em cena um novo fator e toma conta dela. Uma viagem, um safári, uma

exploração, cada uma destas jornadas é uma entidade, diferente de todas as outras. Tem personalidade, temperamento, individualidade, carácter único. Uma viagem é uma pessoa em si mesma; não há duas iguais. E todos os planos, salvo-condutos, controlos e coerção são infrutíferos. Descobrimos após anos de luta que não escolhemos uma viagem; a viagem é que nos escolhe a nós. Guias, programas, reservas, descaradamente obrigatórios e inevitáveis, afundam-se e naufragam de encontro à personalidade da viagem. Só quando isto é reconhecido, é que o vagabundo desabrochado em estufa pode descontrair-se e levá-la a cabo. Só então as frustrações se dissipam. Nisto, uma viagem é como o casamento. O caminho certo para estarmos errados é pensarmos que o controlamos. Agora sinto-me melhor, tendo dito isto, embora só aqueles que o experimentaram possam compreendê-lo.

O meu plano era claro, conciso e razoável, penso eu. Viajara, durante muitos anos, em diversas partes do mundo. Na América, vivo em Nova Iorque e vou de vez em quando a Chicago ou a São Francisco. Mas Nova Iorque não é a América, tal como Paris não é a França e Londres não é a Inglaterra. Por conseguinte, descobri que não conheço o meu próprio país. Eu, um escritor americano, escrevendo acerca da América, estava a trabalhar de memória, e a memória é, quando muito, um reservatório defeituoso e adulterador. Não ouvira a fala da América, não cheirara a sua erva, as suas árvores e as suas imundícies, não vira as suas colinas nem as suas águas, a sua cor e a qualidade da luz. Conhecia as alterações do solo apenas pelos livros e pelos jornais. Mas, mais do que isto, não tivera contacto físico com a minha terra durante vinte e cinco anos. Estava, em suma, a escrever sobre algo que não conhecia, e parece-me que isto, para um escritor como tal designado, é criminoso. As minhas recordações estavam deturpadas por vinte e cinco anos de intervalo.

Andei em tempos a viajar numa velha furgoneta de padaria, uma vasilha ordinária de duas portas com um colchão estendido no chão. Parava onde as pessoas paravam ou se reuniam, ouvia, olhava e sentia, e obtinha por esse processo um quadro do meu país cuja exatidão era apenas prejudicada pelas minhas próprias limitações.

Foi assim que decidi ir ver outra vez, tentar redescobrir esta terra gigantesca. De outro modo, não podia dizer, escrevendo, as pequenas verdades de diagnóstico que são os fundamentos da verdade maior. Apresentava-se uma dificuldade aguda. Nos vinte e cinco anos de intervalo, o meu nome tornara-se razoavelmente conhecido. E a minha experiência dizia-me que, quando as pessoas ouvem falar de nós, favoravelmente ou não, elas se modificam; transformam-se, por via da timidez ou das outras qualidades que a publicidade inspira, em algo que não são em circunstâncias normais.

Sendo assim, a minha viagem exigia que deixasse o meu nome e a minha identidade em casa. Tinha de ser uma coisa com olhos e ouvidos ambulantes, uma espécie de chapa fotográfica em movimento. Não podia assinar os registos dos hotéis, encontrar-me com as pessoas que conhecia, entrevistar os outros ou até fazer perguntas inquisitivas. Além disso, duas ou mais pessoas perturbam o complexo ecológico de uma área. Tinha de ir só e tinha de ser autossuficiente, uma espécie de tartaruga despreocupada, carregando a sua casa às costas.

Com tudo isto em mente, escrevi para a sede de uma grande companhia que fabrica camiões. Especifiquei o meu objetivo e as minhas necessidades. Queria uma camioneta de três quartos de tonelada, capaz de ir fosse onde fosse sob as condições o mais rigorosas possível, e queria que fosse construída nesta camioneta uma casa pequena, como a cabina de um barco pequeno. Um reboque é difícil de manobrar nas estradas de montanha, é impossível e frequentemente ilegal o seu estacionamento, e está sujeito a muitas restrições. Em devido tempo, vieram as especificações de um veículo robusto, rápido, confortável, equipado com um habitáculo de acampamento — uma pequena casa com cama suficiente para duas pessoas, um fogão de quatro bocas, um calorífero, frigorífico e luzes funcionando a butano, uma retrete química, espaço para arrumação, zona para armazenagem, janelas com mosquiteiros contra os insetos — exatamente o que eu pretendia. Foi entregue no verão na minha casinha para a pesca, em Sag Harbor, perto da ponta de Long Island. Embora eu não quisesse partir antes do Dia do Trabalho, quando a nação regressa à sua vida normal, queria habituar-me à minha carapaça de tartaruga, equipá-la e manobrá-la. Chegou em agosto, uma coisa linda, potente e todavia maleável. Era quase tão fácil de conduzir como um carro de passageiros. E porque a minha viagem planeada provocara algumas observações satíricas entre os meus amigos, chamei-lhe *Rocinante* que, como vos lembrareis, era o nome do cavalo de D. Quixote.

Dado que não fiz segredo do meu projeto, surgiu um certo número de controvérsias entre os meus amigos e conselheiros (uma viagem projetada produz conselheiros aos cardumes). Foi-me dito que, desde que a minha

fotografia era tão largamente distribuída quanto o meu editor podia fazê-lo, descobriria que era impossível andar de um lado para o outro sem ser reconhecido. Deixem-me dizer desde já que, em mais de dez mil milhas, em trinta e quatro Estados, não fui reconhecido nem uma vez. Creio que as pessoas identificam as coisas apenas num contexto. Até aquelas pessoas que podiam ter-me conhecido integrado num ambiente que se supõe ser o meu, não me identificaram em caso nenhum com o *Rocinante*.

Fui prevenido de que o nome de *Rocinante*, pintado dos lados da minha camioneta em letras espanholas do século XVI, provocaria curiosidade e averiguações em alguns lugares. Não sei quantas pessoas reconheceram o nome, mas o certo é que ninguém fez perguntas quanto a ele.

A seguir, foi-me dito que o propósito de um estranho em vagabundear pelo país poderia ser causa de investigação ou até de suspeita. Por essa razão, pendurei uma caçadeira, duas carabinas e um par de canas de pesca na minha camioneta, pois a experiência diz-me que, se um homem vai caçar ou pescar, a sua intenção é compreendida e até aplaudida. Na realidade, os meus tempos de caçador já lá vão. Já não mato nem apanho nada que não possa meter numa frigideira. Estou velho de mais para matar por desporto. Este cenário veio a verificar-se ser desnecessário.

Disseram que as minhas chapas de matrícula de Nova Iorque originariam interesse e talvez perguntas, uma vez que eram os únicos sinais exteriores de identificação que eu tinha. E de facto assim foi, talvez vinte ou trinta vezes em toda a viagem. Mas tais contactos seguiram um padrão invariável, um tanto como segue:

Habitante local: «Nova Iorque, hem?»

Eu: «Hum!»

Habitante local: «Estive lá em mil novecentos e trinta e oito; ou foi trinta e nove? Alice, foi em trinta e oito ou trinta e nove que fomos a Nova Iorque?»

Alice: «Foi em trinta e seis. Lembro-me, porque foi o ano em que o Alfred morreu.»

Habitante local: «Seja como for, detestei-a. Não vivia lá nem que me pagassem.»

VCHARL-2

Houve alguma preocupação genuína quanto ao facto de eu viajar sozinho, sujeito ao ataque, ao roubo, ao assalto. É bem sabido que as nossas estradas são perigosas. E aqui admito que tive receios absurdos. Já lá vão alguns anos desde que era só, sem nome, sem amigos, sem essa segurança que uma pessoa obtém da família, dos camaradas e dos cúmplices. Não há realidade no perigo. Ao princípio é apenas uma sensação de isolamento e de desamparo, uma espécie de sentimento de desolação. Por esta razão, levei um companheiro na minha viagem, um velho senhor cão-d'água francês conhecido por *Charley*. Na verdade, o seu nome é *Charles le Chien.* Nasceu em Bercy, nos arredores de Paris, e educou-se em França, e embora saiba alguma coisa de inglês de cão-d'água, apenas responde rapidamente às ordens em francês. De outro modo, tem de traduzir, e isso fá-lo demorar. É um cão-d'água muito grande, de uma cor chamada *bleu,* e é mesmo azul quando está limpo. O *Charley* é um diplomata nato. Prefere a negociação à luta, o que é assaz conveniente, dado que é muito fraco a lutar. Só uma vez nos seus dez anos esteve em maus lençóis: quando encontrou um cão que se recusou a negociar. O *Charley* perdeu um bocado da sua orelha direita dessa vez. Mas é um bom cão de guarda: tem um rosnar como o de um leão, destinado a esconder dos estranhos rondadores da noite o facto de não ser capaz de abrir caminho à dentada, nem que fosse para mordiscar um *cornet de papier.* É um bom amigo e bom companheiro de viagem, e antes quer andar em viagem do que fazer qualquer outra coisa que possa imaginar. Se aparece com frequência neste relato, é porque contribuiu muito para a viagem. Um cão, particularmente um cão exótico como o *Charley*, é um laço entre estranhos. Muitas conversas no caminho começaram com: «Que raça de cão é este?»

As técnicas de começar uma conversa são universais. Sabia há muito tempo e redescobri que a melhor maneira de atrair a atenção, auxílio e conversa é estar perdido. Um homem que ao ver a mãe a morrer de fome numa vereda lhe dá um pontapé para abrir caminho, é capaz de dedicar alegremente várias horas do seu tempo a dar indicações erradas a um indivíduo totalmente estranho que afirma estar perdido.

Sob os grandes carvalhos do meu terreno em Sag Harbor, lá estava o *Rocinante*, bonito e autossuficiente, e os vizinhos vieram vê-lo, alguns vizinhos que nem sequer sabíamos que tínhamos. Vi nos olhos deles algo que iria ver, sem cessar, em toda a parte da nação — um desejo ardente de partir, de mudar de lugar, de pôr-se a caminho, para qualquer parte, fora de qualquer aqui. Falavam calmamente de como desejavam partir algum dia, vagabundear, livres e desarraigados, não em direção a alguma coisa mas para longe de alguma coisa. Vi este olhar e ouvi este desejo ardente em toda a parte, por todos os Estados que visitei. Quase todos os americanos anseiam por mudar de lugar. Um rapazinho de cerca de treze anos voltava todos os dias. Ficava à parte, timidamente, e olhava para o *Rocinante*. Espreitava pela porta e até se deitava no chão a estudar as molas para suportar cargas pesadas. Era um rapazinho calado e com o dom da ubiquidade. Chegava a vir de noite para ficar a olhar fixamente para o *Rocinante*. Passada uma semana, não pôde resistir mais. As suas palavras lutaram diabolicamente para abrir caminho através da sua timidez. Disse: «Se me levar consigo, farei seja o que for. Cozinharei, lavarei a loiça toda, farei todo o trabalho e tomarei conta de si.»

Infelizmente para mim, conhecia o anseio dele. «Oxalá eu pudesse», disse, «mas o conselho escolar, os teus pais e muitos outros dizem que não posso.»

«Farei seja o que for», dizia ele, e acredito que faria. Não creio que tenha desistido senão quando parti sem ele. Tinha o sonho que eu tivera toda a minha vida, e não há cura para ele.

Equipar o *Rocinante* foi uma operação longa e agradável. Levei coisas de mais, mas não sabia o que iria encontrar. Ferramentas para uma emergência, cabos de reboque, um cadernal pequeno, um guincho, uma

picareta e uma alavanca. Houve depois os alimentos indispensáveis. Chegaria tarde ao Noroeste e seria apanhado pela neve. Preparei-me para pelo menos uma semana de acontecimentos urgentes e inesperados. Quanto à água, era fácil; o *Rocinante* tinha um depósito de trinta galões.

Pensei que poderia escrever alguma coisa ao longo do caminho, talvez ensaios, decerto umas notas e com certeza cartas. Levei papel, papel químico, máquina de escrever, lápis, blocos para notas, e não só isso como ainda dicionários, uma enciclopédia compacta e uma dúzia de outros livros de referência, dos pesados. Suponho que a nossa capacidade para nos iludirmos a nós mesmos é infinita. Sabia muito bem que raramente tomo notas, e, se as tomo, ou as perco ou não consigo lê-las. Também sabia, de trinta anos da minha profissão, que não posso escrever enquanto um acontecimento está quente. Tem de fermentar. Tenho de fazer o que um amigo meu chama «remoê-lo» por algum tempo antes de o escrever. Ora apesar deste conhecimento de mim mesmo, equipei o *Rocinante* com material de escrita suficiente para me encarregar de dez volumes. Também lá meti cento e cinquenta libras desses livros que uma pessoa não tem à mão para ler, e é claro que esses são os livros que uma pessoa nunca terá à mão para ler. Latas de conservas, cartuchos para a caçadeira e para as carabinas, caixas de ferramenta, demasiadas roupas, lençóis e almofadas, muitos sapatos e botas a mais, roupa interior de náilon acolchoado para temperaturas abaixo de zero, pratos e copos de plástico e um alguidar também de plástico, uma garrafa de gás sobresselente. As molas, carregadas, suspiraram e começaram a baixar cada vez mais. Agora julgo que levei cerca de quatro vezes mais de tudo.

O *Charley* é um cão que lê o pensamento. Houve muitas viagens na sua vida, e deixámo-lo muitas vezes em casa. Sabe que vamos partir muito tempo antes de aparecerem as malas, e começa a andar de um lado para o outro, inquieto, a ganir, ficando num estado de ligeiro histerismo, apesar de velho como é. Durante as semanas de preparação, manteve-se a pé firme todo o tempo, com um dano tremendo para si mesmo. Passou a esconder-se na camioneta, esgueirando-se lá para dentro e tentando fazer-se pequeno.